

## José Cardoso Pires em viagem por Lisboa

Dra. Marlise Vaz Bridi (UPM - USP)

1

É possível definir Lisboa como um símbolo. Como a Praga de Kafka, como a Dublin de Joyce ou a Buenos Aires de Borges. Sim, é possível. Mas, mais do que as cidades, é sempre um bairro ou um lugar que caracterizam essa definição e a fidelidade tantas vezes inconsciente que lhes dedicamos.

José Cardoso Pires (1925-1998), com o peculiar estilo que o caracteriza, em seu *Lisboa - Livro de Bordo*: vozes, olhares, memórias<sup>1</sup>, tece imagens de sua cidade. Embora nascido na aldeia do Peso, distrito de Castelo Branco, Cardoso Pires viveu e morreu em Lisboa, o que permite – passe a licença poética – chamá-la sua.

Último livro seu publicado em vida, décimo oitavo de uma obra relativamente pequena para seus quase 50 anos de produção literária (1949-1997)<sup>2</sup>, irmana-se inteiramente ao conjunto. Se por integrar às atividades da Expo 98 pudesse ser vista como obra menor ou de encomenda, diante do texto e de sua concepção, temos de nos render, como diante de tudo o que foi escrito pelo escritor português. Não se trata, diga-se logo, de condescendência de qualquer espécie, ou homenagem emocionada, ainda que extemporânea, de quem sempre se debruçou sobre a obra do autor. Como podemos constatar por suas próprias palavras dirigidas a outros, seria o que menos desejaria para si:

<<Quando eu morrer quero ir de burro>>, disse Sá-Carneiro num dos últimos poemas que escreveu. E ele lá tinha as suas razões: as homenagens post-mortem são em muitos casos a apropriação abusiva de uma existência que se recusou a vênias e a submissões e, noutros, por isso mesmo uma vingança final sem contestação.<sup>3</sup>

Ou ainda em texto intitulado, significativamente, “À margem, uma vez mais”, em que o tema é o desaparecimento de dois escritores portugueses de primeira plana:

Redol e Régio – a escassas semanas de distância desaparecem dois construtores de primeira grandeza da nossa realidade literária.

Agora ocorre-me apenas que mais justa homenagem a prestar-lhes é tratá-los com a mesma exigência com que os encarámos quando vivos. Repensá-los, se possível – sim, talvez isso – mas com a fidelidade indispensável a uma memória e a nossa dignidade de leitores e que, por isso, não se lhe torça a biografia à sombra das impunidades que a morte facilita.<sup>4</sup>

Portanto, falar agora de *Lisboa - Livro de Bordo* é tentar lê-lo com o mesmo rigor com que se lê o conjunto da obra de Cardoso Pires, ou também, aplicando-lhe o mesmo rigor com que foi escrito, sem boa vontade, por desnecessária e impertinente.

Apropriando-me da expressão “à margem” acima utilizada pelo escritor (e que tão bem cabe para a sua ficção desde sempre) pode-se afirmar, com segurança, que *Lisboa - Livro de Bordo* em tudo se afasta da descrição realista ou pontual de um roteiro turístico. Ao contrário, trata-se de um pseudo-roteiro, ou melhor, da ficcionalização do gênero, em que são evocados, de maneira pessoal e coletiva ao mesmo tempo, espaços tornados significativos pela convivência profunda com a face da cidade: um guia feito à margem (de oficiais e/ou de mercado), ou ainda, um guia marginal. Nesta perspectiva, irmana-se inteiramente, como foi dito acima, ao conjunto de sua obra, sempre enamorada do desvio e do viés. Explico-me: Cardoso Pires andou (escreveu) sempre à margem de escolas, modas e padrões. Uma das manifestações de tal obliquidade é, por exemplo, a constante subversão dos padrões de gênero: por mais de uma vez escreveu romances pseudo-policiais; por mais de uma vez rompeu com as expectativas de seus leitores que aguardavam por desfechos convencionais para suas narrativas. Eles nunca vieram.

No presente caso em *Lisboa - Livro de Bordo*, cada recanto da cidade é iluminado pela sensibilidade do escritor que faz reverberar, nos lugares cotidianos, ecos literários, artísticos e populares. Entretanto, as pontes lançadas não o são nunca de maneira previsível ou convencional. O trecho de abertura é um bom exemplar de tal procedimento:

Logo a abrir, pareces-me pousada sobre o Tejo como uma cidade a navegar. Não me admiro: sempre que me sinto em alturas de abranger o mundo, no pico de um miradouro ou sentado numa nuvem, vejo-te em cidade-nave, barca com ruas e jardins por dentro, e até a brisa que corre me sabe a sal. Há ondas de mar aberto desenhadas em tuas calçadas; há âncoras, há sereias. O convés, em praça larga com uma rosa-dos-ventos bordada no empedrado, tem a comandá-lo duas colunas saídas das águas que fazem guarda de honra à partida para os oceanos. Ladeiam a proa ou figuram com tal, é a idéia que dão; um pouco atrás, está um menino-rei montado num cavalo verde a olhar por entre elas, para o outro lado da Terra e a seus pés vêem-se nomes de navegadores e datas de descobrimentos anotados a basalto no terreiro batido pelo sol. Em frente é o rio que corre para os meridianos do paraíso. O tal Tejo que falam os cronistas enlouquecidos, povoando-os de tritões a cavalo de golfinhos.<sup>5</sup>

Lisboa, apresentada desta forma por Cardoso Pires, mostra-se claramente desenhada sob o signo da viagem e quem viaja, lírica e ironicamente, pela cidade é ele mesmo, nosso guia imprevisível, mas ancorado na solidez de uma cultura de navegantes. Esta “cidade a navegar”, tal qual a ilha movente de Camões<sup>6</sup> ou a *Jangada de pedra*<sup>7</sup> de Saramago, não nos deixa esquecer a vocação marítima não só dos portugueses, como, sobretudo, do imaginário português. Em Camões, a Ilha namorada, premiação aos “valerosos lusitanos”, navega como a caravela que os havia conduzido ao realizado caminho para a Índia; em Saramago, é a Península Ibérica toda que se desprende da Europa em direção a algum ponto do Atlântico, alegoricamente equidistante dos três continentes de sua história: a Europa, a América e a África; em Cardoso Pires, Lisboa, a cidade de onde sempre partiram os grandes navegadores, apenas “*parece* pousada sobre o Tejo como uma cidade a navegar”, uma imagem que se sabe imagem desde a própria construção, sempre a mostrar seus andaimes e, de certa forma, a impedir que nos distraíamos deles.

Por trás de tal semelhança imagética entre a cidade e uma nave, é possível flagrar a escolha do Monumento dos Descobrimentos como a primeira visada sobre Lisboa: o navio vê-se

pela proa. Entretanto, nada poderia ser mais diverso de um roteiro turístico, como por exemplo a descrição do mesmo monumento do Guia de Viagem National Geographic Portugal<sup>8</sup>:

No exterior do museu, tome a passagem de pedestres sob as avenidas que margeiam o rio para chegar às docas de Belém. Logo você encontra o **Padrão dos Descobrimentos**. Esse monumento construído em 1960, dedicado à era dos grandes descobrimentos dos portugueses, é obra do escultor Leopoldo de Almeida. De frente para o rio Tejo, esculpido em pedra na forma de proa de navio, o monumento é cercado por figuras históricas lideradas pelo príncipe Henrique, apontado como pai dos descobrimentos. Uma calçada de mosaicos ao pé do monumento exibe uma imensa alegoria contendo o mapa do mundo.

Se os elementos constitutivos do monumento encontram-se figurados em ambos os textos (a proa, os descobridores e o infante D. Henrique) sua tematização, ou seja, como a sua textualização é produtora de sentido, é, evidentemente, diversa. O texto de Cardoso Pires sugere e lança hipóteses de leitura à cidade, ao monumento, à história e à cultura portuguesa; o texto do guia turístico diz como e o que olhar. Cardoso Pires lê o corpo de sua cidade e sobre ele inscreve as suas próprias carícias; o guia quer conduzir a nossa leitura, quando não os nossos passos (“tome a passagem de pedestres sob as avenidas”) que o imperativo não esconde. Contra o fundo utilitarista e pragmático do guia comercial, constroem-se as imagens poéticas do texto cardosino que, como o mosaico, é bordado por “menino-rei”, “meridianos do paraíso” e “tritões a cavalo de golfinhos” de que “falam os cronistas enlouquecidos”. Num mesmo compasso, trata-se de realidade histórica e evocação cultural, em que imagens literárias recobrem as visões de paisagens concretas, no caso, um monumento aos descobridores ao qual adere um imenso rol de referências, leituras e alusões.

A esta altura, apesar de observado só o trecho de abertura de *Lisboa-Livro de Bordo*, talvez seja possível lançar a hipótese em que se apóia minha leitura desta obra. Como o trecho em destaque pode ser visto como paradigmático do procedimento de Cardoso Pires em toda a obra, ou seja, como cada sinal destacado do corpo da cidade tem por motivação não sua importância turística ou cultural no sentido vulgar do termo, mas, ao contrário, respeita a uma ordem mais profunda que diz respeito à convivência do morador com a cidade ou, ainda mais, de um certo morador-leitor (que é o escritor) com a sua cidade de eleição, talvez seja possível dizer que, aqui, a cidade seja a expressão mais completa do que Bakhtin chama de cronotopo<sup>9</sup>.

Sem me alongar em aspectos teóricos do conceito (o que seria impraticável e inadequado nesta oportunidade) e muito embora o conceito de cronotopo tenha sido engendrado, em princípio, em função de uma teoria do romance (a que não se aplica o presente estudo), há um aspecto do conceito que parece servir ao que Cardoso Pires realiza ao escrever sobre sua cidade. O cronotopo bakhtiniano, para além do que aponta a etimologia do termo forjado para indicar a concomitância e a inseparabilidade entre tempo e espaço, pretende dar conta de que tal instância, ou seja, de que a unidade espaço-temporal é reveladora de uma visão de mundo sempre bem determinada. Em outras palavras, no conceito de cronotopo, tal como ele é constituído por Bakhtin, estão incluídos tempo e espaço que, ao se conjugarem (no caso original, num romance), deixam que se evidencie qual é a visão de mundo que aquela conjunção específica indica. As escolhas espaço-temporais são, portanto, reveladoras.

É neste sentido específico que as escolhas de Cardoso Pires, a operação que realiza sobre o tecido da cidade para mostrar através dos seus próprios sentidos, o sentido dos segredos que a cidade guarda, que considero reveladora. Não é, como se pôde ver, sem importância que o primeiro lugar (ou sítio) escolhido seja o monumento aos descobridores. Revela, ao contrário, o engajamento, para o bem e para o mal, do escritor português que, crítica e sagazmente, vê a cidade cheia de ecos de passado real e imaginário. A cidade é, como já se viu (e como ainda se verá), um repositório de vozes e de textos que, presentes, apontam o passado e, entregues à interpretação dos

que souberem ler seus sinais, falam, ao mesmo tempo, dos que os lêem. Ou seja, Cardoso Pires, ao ler a cidade, revela-se, mostra sua visão de mundo.

A Lisboa de José Cardoso Pires, como em seu próprio título, é composta – a partir de lugares – por vozes, olhares e memórias (a que chama *memorações*). Evoca um sem número de poetas, escritores, pintores e chargistas, muitas figuras do âmbito das artes com os quais, se não necessariamente compartilha a cidade pelo convívio, com certeza a divide como objeto: se há contemporâneos, há também os testemunhos do passado.

Num inventário pouco rigoroso, e para ficar somente nas referências literárias, aparecem os seus contemporâneos Pedro Tamen e Alexandre O’Neil. Do passado, Bocage e Chiado. Os poetas da Presença Jorge de Sena, Casais Monteiro e Gaspar Simões. Os surrealistas, Raúl Leal e Herberto Helder. Do primeiro modernismo, Pessoa e Almada. Os eternos, Cesário Verde e o inevitável Camões. Antero, Eça de Queirós, Ramalho Ortigão, Teófilo Braga e Fialho de Almeida, da geração dos realistas. Entre os ficcionistas, Dinis Machado, Irene Lisboa e Carlos de Oliveira. E os estrangeiros John Dos Passos, Saint-Exupéry, Cecília Meireles, T.S. Eliot, Mary MacCarthy e Antonio Tabucchi. Cada uma dessas vozes a cidade se apresenta e, como diz o próprio autor, “com o saber dos séculos e os sinais de muito mundo que a perfazem, sugere várias leituras, e daí que a cada visitante sua Lisboa, como tantas vezes se ouve dizer.”<sup>10</sup>

Há ainda o Álvaro de Campos, o Bernardo Soares e o Sebastião Opus Night, os dois primeiros, heterônimos de Pessoa e o último, personagem de *Alexandra Alpha*<sup>11</sup> do próprio Cardoso Pires. Também habitam a cidade, o Ega e o Carlos de *Os Maias* ou o Conselheiro Acácio, como nome de bar e como a personagem do Eça de Queirós. Entretanto, essa intrincada relação entre realidade e ficção, fantasia e história, não a quer Cardoso Pires como uma alienação, mas como referência vivaz à experiência que viver a cidade oferece.

“Noutros tempos, longos tempos, havia em Lisboa uma sereia...” Conheço uns versos de Robert Desnos que começam desta maneira mas é melhor ficar por aqui porque o Tejo não é de fábula nem de poema e corre sem nostalgias. E Lisboa a mesma coisa, disso podemos nós estar bem seguros.<sup>12</sup>

Cardoso Pires recolhe aqui e ali, a propósito do todo ou das partes que compõem a cidade as vozes que a revelam para ele e com ele dialogam. Essas vozes manifestam-se ora como presença textual (trechos de poemas, comentários, hipóteses de conversa), ora como presenças físicas ainda que, a mais das vezes, fantasmáticas. São estátuas, bustos, representações; leituras e releituras de artistas plásticos das figuras que a cidade vai acumulando em si. São, além das vozes, os olhares, tanto os seus como os que outros lançaram sobre as coisas, que, textualmente, Cardoso Pires retoma. Lugar famoso de Lisboa que, entre outros milhares de estrangeiros, qualquer brasileiro medianamente informado visita por razões mais que óbvias, A Brasileira, o famoso café do Chiado, assume ao olhar do escritor português contornos peculiares. Vejamos a cena:

Fernando Pessoa está sentado à chuva na esplanada da Brasileira. Dentro do café está o Almada. Ou esteve. Durante largo tempo habituei-me a vê-lo numa parede em auto-retrato dos anos vinte, na companhia de duas senhoras sofisticadas que pareciam estar à espera de qualquer coisa que havia de vir. Qualquer coisa, o quê? O segundo futurismo? O próximo comboio de Paris? Até hoje, silêncio absoluto. O Almada deixou de ser visto com elas na Brasileira e com a chuva que aí vai não é natural que volte por cá tão cedo. “Chuvas corridas, tristezas crescidas e venha aguardente para lavar as feridas”, dizem os lisboetas de taberna. No entanto, o Pessoa, que sabe disso até de cor porque decilitrou em balcões de muita Lisboa, continua na esplanada à chuva e ainda para mais sem copo.<sup>13</sup>

A escultura de Pessoa ou o quadro de Almada, sinais atual e passado no corpo da cidade, são aqui, por metonímia, transformados em presenças carnis das duas maiores figuras do modernismo português, entretanto captadas em sua humanidade plena, sem mistificações ou objetos de grandes reverências: as mulheres sofisticadas à espera, quem sabe, do “próximo comboio de Paris” e o Pessoa, além de exposto às intempéries, apesar da bebida que “decilitrou”, ironicamente destituído do seu copo.

A cidade de Lisboa que assim se vai desenhando diante do leitor, que é convocado a viajar e atentamente acompanhar os volteios deste escritor sempre disposto a exigir mais e mais de seu acompanhante (de leitura e de viagem), não é decisivamente a cidade do turista mediano. Como foi dito, é convidado a conviver com nomes do mundo das artes e das letras, mas também da política e da história. É chamado à observação de lugares conhecidos, porém revisitados por olhares mais agudos ou, ao menos, desautomatizados. É concitado ao convívio da erudição e da alta cultura, mas insistentemente contrapontado pela cultura popular, pela vida da rua, das figuras anônimas que só na aparência (ou falsa consciência das elites) são destituídas de história.

A opção pelo marginal – mesmo na paisagem da cidade – evidencia-se no fragmento intitulado “O calcanhar de Ulisses” que para os incautos (ou incultos) ficaria como enigma indecifrável: “No corpo de uma cidade há sempre uma articulação sensível, a mais frágil ou a mais desprotegida. Aqui na Capital de Ulisses, há várias para quem as saiba descobrir e o que surpreende é que algumas são nós íntimos, rosas anônimas, da paisagem consagrada”.<sup>14</sup>

A visão de mundo que o cronotopo Lisboa permite flagrar, ou melhor, o cronotopo que o recorte lisboeta de Cardoso Pires estabelece, indica o seu complexo sentido como visão de mundo: Lisboa, para o escritor, viajante inveterado, que retoma, em ponto pequeno, as vastidões das viagens portuguesas, nas viagens que a cidade propicia, é a somatória de muitas vidas e imagens. É o que cada escritor ou artista – contemporâneo ou antigo, português ou estrangeiro – escreveu ou representou, e que, ao fazê-lo, enriqueceu a composição da imagem da cidade. Mas é, também, o que cada morador comum, cada homem e cada mulher vivenciaram e vivenciam, nela deixando suas marcas quase insignificantes. Sua opção em arte é, portanto, a opção pela vida, sem qualquer concessão. A leitura desta obra – a última que nos foi oferecida pela lavra de Cardoso Pires – nos recoloca em diálogo com a marca de sua ficção: definitiva.

---

[1] Pires, José Cardoso. *Lisboa Livro de Bordo: vozes, olhares, memorações*. Lisboa: Dom Quixote, 1997. (Todas as citações são referidas a partir da 3 ed, 1998. A epígrafe foi retirada da p. 74.)

[2] Sua primeira obra foi *Os caminheiros e outros contos*, volume publicado em 1949, sendo as últimas, os dois volumes de 1997, a saber, *De profundis*. *Valsa Lenta*. e *Lisboa – Livro de Bordo*.

[3] Pires, José Cardoso. *A morte burocrática. Dispersos I: Literatura*. Lisboa: Dom Quixote, 2005, p. 99.

[4] IDEM, *À margem, uma vez mais. Dispersos I: Literatura*. Lisboa: Dom Quixote, 2005, p. 95.

[5] Pires, José Cardoso. *Lisboa - Livro de Bordo: vozes, olhares, memorações*. 3 ed. Lisboa: Dom Quixote, 1998, p. 7.

[6] O episódio da Ilha dos amores, localizado no Canto IX de *Os Lusíadas*, estância XVI e seguintes, mostra a movimentação da Ilha, trazida do reino das águas para a rota dos portugueses.

[7] Saramago, José. *Jangada de pedra*. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

[8] Dunlop, Fiona. *Guia de Viagem National Geographic Portugal*. São Paulo: Abril, 2006, p.66.

- 
- [9] O conceito de cronotopo foi desenvolvido por M. Bakhtin sobretudo em sua obra *Questões de literatura e de estética: a teoria do romance*. São Paulo: UNESP-Hucitec, 1988.
- [10] Pires, José Cardoso. *Lisboa - Livro de Bordo*, p. 114.
- [11] IDEM, *Alexandra Alpha*. Lisboa: 1987
- [12] IDEM, *Lisboa - Livro de Bordo*, p. 114.
- [13] IDEM, *ibidem*, p. 61.
- [14] IDEM, *ibidem*, p. 85. A referência à Ulisses está, como se sabe, inserida na origem do nome Lisboa